

Eficiência na Administração Pública

NOS últimos decênios, a Administração Pública e as emprêsas particulares vêm sendo levadas a alcançar, em grau crescente, aquilo que se poderá resumir numa palavra — eficiência.

Visando a lucros financeiros — as organizações privadas; ou pretendendo lograr benefícios de ordem social — as repartições estatais; os dirigentes de tôdas esforçam-se por ou são forçados a imprimir eficiência às suas atividades.

De fato, empreendimentos privados não chegam mesmo a vingár se são desprovidos de eficiência em padrões acima de certos mínimos.

Mas, também é verdade, embora limitadamente, a existência de instituições públicas que, para infelicidade do povo, pela inércia de muitos, conseguem manter-se, ampliam-se até, apesar de improdutivas, consumindo danosamente volumosas dotações orçamentárias.

Relatórios, comunicados, monografias, teses, pesquisas, planos, programas, sugestões, propostas, tudo enfim se faz com o desejo claro de, nos respectivos setores, realizar-se o máximo, o melhor, no menor tempo, com o menor gasto possível. Numa expressão: pretende-se sempre a realização de algo com mais eficiência.

Sem dúvida, nesta acepção de rendimento é que se fala ou se escreve comumente a respeito de eficiência. Registraremos, não obstante, aqui, inteligência mais ampla para o vocábulo e, em particular, significação mais completa do mesmo para o Serviço Público.

Para nós, eficiência na Administração Pública será, além de rendimento ótimo, inteiro contentamento de tôdas as partes interessadas. Produzir muito, alcançar desejáveis níveis de qualidade, implantar aceleração positiva à marcha dos trabalhos e limitar gastos drásticamente não é tudo, se o público — a clientela da Administração e os servidores públicos — que é a parte dinâmica da Administração — não estiverem satisfeitos.

O Estado, hoje, assumindo funções novas e renovadas, apresenta-se sobretudo como protetor e prestador de serviços. O público, em seus diversos níveis sociais, aspirando a bem-estar cada vez mais amplo, pede aos governantes que façam alguma coisa em seu benefício. No dizer de Frederic A. Ogg: "Every group and interest — farmers, business men, bankers, manufacturers, shippers, manual laborers, teachers, authors, civil servants, soldiers — expects government to do something for it, even while fearing that it will do too much for competing groups".

O Estado, por sua vez, manifesta-se através da Administração Pública. E que é a Administração Pública senão os homens e mulheres que a servem? A observação e o exame, ainda que superficiais, levar-nos-ão a reconhecer o papel singular do funcionalismo de uma nação e a concluir pela posição ímpar de seus servidores na concretização do bem-estar da coletividade.

Cresceram os escopos da Administração. Urge um crescimento paralelo da eficiência da ação da mesma.

Importa, porém, observar que a eficiência nos serviços públicos é, antes de mais nada, resultante do desempenho funcional de cada servidor.

O êxito de uma repartição depende da chefia esclarecida dos que estão nos postos de comando, contudo, não raro, do ângulo ocupado pelo público, o "boy" ou contínuo da porta é que retrata a repartição, é que indica o que lá dentro se passa.

Por outro lado, os servidores públicos, de cuja eficiência tanto se reclama, não são amostra da própria coletividade? Em dado momento, o funcionário que vende selos na Fazenda é o cidadão que compra selos nos Correios e Telégrafos. A atitude de quem está atrás do guichê é a mesma de quem está diante dele? Infelizmente não, e daí decorre, em última análise, o grande desprestígio da Administração.

Impõe-se, então, uma reforma de atitudes, uma revisão de procedimentos.

Que cada um leve sua "Mensagem a Garcia". Que cada um "limpe a porta de sua casa". Antes do entardecer, tôdas as tarefas estarão cumpridas, resultará satisfação de parte a parte.

Haverá eficiência na Administração Pública.